



O RETRATO DA FIGURA FEMININA DA DITADURA À CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE DA MÚSICA GENI E O ZEPELIM, DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

João Baraldi Neto*

Renato Duro Dias*

Márcia Letícia Gomes*

Resumo

O presente artigo propõe a análise da música Geni e o Zepelim, que compõe a peça Ópera do Malandro, de autoria de Chico Buarque de Holanda, com o intuito de discutir, para além das aparências, o tratamento ofertado à figura feminina, representada pela personagem Geni, a partir da comparação entre o período de ditadura militar e a contemporaneidade. Para tanto, apresentamos o contexto histórico no qual a música foi produzida, a fim de fragmentar os elementos que a compõem, quais sejam, a figura de Geni e seu objeto de redenção. Ainda, considerando as características peculiares da obra, destacamos o papel que a personagem principal desempenha e representa na atualidade, bem como a sua relação com as minorias dentro de uma sociedade patriarcal e moralista. Com base na análise, buscamos utilizar o Direito e a Arte, por meio da música popular brasileira, para olhar com humanidade as inúmeras figuras femininas representadas por Geni, tendo em vista que, da ditadura à contemporaneidade, presenciemos um refinamento das estratégias de agressão às minorias que não se encaixam nos padrões de gênero e heteronormativos.

Palavras-chave: Geni e o Zepelim; Música Popular Brasileira; Minorias; Feminino; Direito e Arte.

THE PORTRAIT OF THE FEMALE FIGURE FROM THE DICTATORSHIP TO CONTEMPORARY: AN ANALYSIS OF GENI MUSIC AND ZEPPELIN, BY CHICO BUARQUE DE HOLANDA

* Mestrando em Direito e Justiça Social pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Especialista em Direito Civil e Processo Civil pela Faculdade Católica de Rondônia (FCR). Endereço postal: Av. Itália, s/n - km 8 - Carreiros, Rio Grande – RS. E-mail: baraldi.n.j@gmail.com.

* Vice-Reitor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Professor da Faculdade de Direito, do Programa de Pós-Graduação em Direito - Mestrado em Direito e Justiça Social (FURG). Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Líder do Grupo de Pesquisa Direito e Sexualidades - GDIS e Vice-líder do Laboratório Imagens da Justiça - Grupo de Pesquisa, ambos do CNPq. Endereço Postal: Av. Itália, s/n - km 8 - Carreiros, Rio Grande – RS. E-mail: renatodurodias@gmail.com.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO). Endereço postal: Av. Itália, s/n - km 8 - Carreiros, Rio Grande – RS. E-mail: marcia.leticia@ifro.edu.br.





Abstract

This article aims at analyzing of the song of Geni and the Zeppelin, which composes the play *Ópera do Malandro*, written by Chico Buarque de Holanda, in order to discuss, in addition to appearances, the treatment offered to the female figure, represented by the character Geni, from the comparison between the period of military dictatorship and contemporaneity. Therefore, we present the historical context in which the music was produced, in order to fragment the elements that compose it, which are the figure of Geni and her object of redemption. Also, considering the peculiar characteristics of the work, we highlight the role that the main character plays and represents today, as well as its relationship with minorities within a patriarchal and moralistic society. Based on the analysis, we seek to use Law and Art, through Brazilian popular music, to look with humanity at the numerous female figures represented by Geni, considering that, from dictatorship to contemporaneity, we witness a refinement of strategies of aggression against minorities that do not fit the gender and heteronormative standards.

Keywords: Geni and the Zeppelin; Brazilian Popular Music; Minorities; Female; Law and Art.

1 INTRODUÇÃO

A música Geni e o Zepelim compõe uma peça, *Ópera do Malandro*, de autoria de Chico Buarque de Holanda, que estreou em 1978.

Diante das provocações despertadas no público, a música também se estendeu para outros palcos e apresentações de teatro ao longo dos anos, dentre elas, o espetáculo *Alma Boa de Lugar Nenhum*, estrelado por Letícia Sabatella.

Para discutir as temáticas envoltas na música Geni e o Zepelim, partimos das reflexões de Freitas (2011), no sentido de que o cinema e o Direito vêm recebendo cada vez mais atenção para as discussões e produções acadêmicas, no entanto, a música ainda é ignorada e pouco explorada pelos juristas brasileiros.

Assim, levando em consideração o poder da música popular brasileira na construção de representatividades e na criação de marcos teóricos na história, que influenciam gerações, buscamos por meio de uma análise da música Geni e o Zepelim demonstrar, para além das aparências, o tratamento ofertado à figura feminina, representada por Geni, da ditadura à contemporaneidade.

Para tanto, iniciaremos a primeira seção do texto com uma contextualização histórica sobre o momento em que a música foi lançada ao público e, posteriormente, dividiremos a análise da letra em quatro blocos: 1) Quem é Geni; 2) O Zepelim prateado; 3) De vilã à heroína; 4) A reprise.



Cumprido ressaltar que a letra da música, que faz parte dos clássicos da música popular brasileira, ainda é um tabu, mesmo após anos de constituição do Estado Democrático de Direito, pois é atemporal e relata uma realidade vivenciada por muitos, numa sociedade com inúmeros problemas estruturais, como o machismo e o racismo.

Geni e o Zepelim fala do marginalizado, do periférico, que vive imerso dentro de uma sociedade capitalista selvagem e que luta contra o sistema para ter voz e representatividade para vencer o preconceito, seja ele de raça, sexo ou religião, assim como as dificuldades econômicas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Segundo Maia e Stankiewicz (2015), grande parte da coletânea de músicas populares brasileiras surgiu entre as décadas de 60 e 70, ou seja, após o golpe de Estado de 1964, que cessou o governo do presidente João Goulart, eleito democraticamente. Portanto, as músicas dessa época refletem um momento histórico no país, marcado pelo autoritarismo militar, e também pelos atos repressivos governamentais, pela censura e violências contra formas de liberdade de expressão.

O período mais severo ocorreu após a segunda metade da década de 60 e se estendeu até o ano 1974, período de vigência o Ato Institucional nº 5 ou AI-5. Durante esse crítico intervalo, o Brasil viveu um Estado de Exceção, conforme conceituado por Agamben (2004).

Esse período, conhecido como o período da “Ditadura Militar”, foi regido por repressão, medo e censura. Assim, na luta contra a censura e contra o controle imposto nesta época, muitos artistas populares, dentre eles, muitos ligados à música, tornaram-se porta-vozes dos valores democráticos e, de certa forma, emancipadores, que se contrapunham à realidade política vigente. Mesmo sob a censura, a música popular foi fundamental para disseminar na sociedade, sob forma poética e metafórica, o imaginário de liberdade.

Barreto e Borges (2016, p. 8) explicam que o Ato Institucional nº 5 (AI-5) “entre várias outras medidas de supressão de direitos, fechou o Congresso por tempo indeterminado”. Assim, eram latentes as supressões de direitos e garantias fundamentais, mormente porque esse ato suspendeu a garantia do *habeas corpus*, proibiu manifestações políticas e deu ao Presidente da República poderes para suspender o direito de reunião, de associação e para censurar a imprensa e os meios de comunicação.



É nessa época que surge Geni e o Zepelim, de autoria de Chico Buarque, cantor e compositor que ficou conhecido por resistir às opressões da ditadura militar ao lado de vários outros grandes nomes da música popular brasileira.

Nesse período, além de terem suas canções censuradas, artistas como Caetano Veloso e Gilberto Gil, assim como o próprio Chico Buarque, foram perseguidos, torturados e exilados.

Para Sobreira (2016, p. 53), no caso de Chico Buarque “a cada três músicas que submetia à análise dos censores, apenas uma era liberada”. Assim, menciona o autor que Chico passou a utilizar pseudônimos para enfrentar a censura, como Julinho da Adelaide e Leonel de Paiva, pois “compositores que já tivessem uma letra proibida ficavam marcados e passavam a integrar uma espécie de lista maldita da censura” (SOBREIRA, 2016, p. 53).

Assim como em outras canções de Chico, a letra de Geni e o Zepelim aborda questões sociais e traz a personagem Geni como protagonista, uma figura feminina. Chico Buarque faz críticas poéticas ao falar sobre a objetificação da mulher e a condenação pela sociedade por atitudes fora dos padrões heteronormativos.

Conforme pontua Louzada (2015), levando em consideração a complexidade do universo feminino, o Direito, por si só, não conseguiria compreender e discutir todas as questões relacionadas as problemáticas sociais enfrentadas em decorrência da disparidade de gênero e padrões enraizados na sociedade, motivo pelo qual nos debruçamos na relação entre Direito e Arte para que as inúmeras figuras femininas representadas por Geni possam ser aceitas em sua completude e respeitadas.

3 QUEM É GENI?

Inicialmente, a letra apresenta a história da vida amorosa e sexual de Geni. Pelos versos, é possível perceber a objetificação do corpo da protagonista e como a sociedade a enxerga como um objeto, um corpo que está disponível para satisfazer desejos e interesses, sendo esta a principal crítica levantada por Chico.

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada



Por meio da descrição de Chico, é possível perceber o fenômeno da Hipersexualização do corpo feminino. Para Costa (2018, p. 1) a Hipersexualização está tão enraizada na sociedade que, conseqüentemente, não construímos o hábito de refletir e/ou questionar sobre o fato de o corpo da mulher estar estampado em “propagandas publicitárias utilizadas para promover produtos, perfumes, bebidas, carros, times de futebol, escolas de samba, concursos de beleza e etc”.

A autora menciona que a objetificação do corpo feminino faz parte da cultura cotidianamente enraizada em todos os meios sociais, o que nos leva a refletir sobre diversos aspectos que alimentam a cultura machista. Costa (2018) comenta que é necessário levantar tais questionamentos, pois caso contrário, nós

corremos o risco de reproduzir padrões estabelecidos pelo gênero masculino, onde o corpo feminino torna-se um mero objeto de desejo e consumo, desconsiderando o potencial intelectual e psicológico das mulheres (COSTA, 2018, p. 1).

A letra não deixa explícito, no entanto, a partir da Ópera do Malandro, pode-se perceber que Geni, na realidade, era Genivaldo, nasceu com o sexo masculino, mas, em essência, era Geni.

Aliado a isso, na estrofe seguinte, temos a ideia de que Geni pode ser prostituta que atende todo tipo de público, homens e mulheres, independente de faixa etária, condição ou status social, desde detentos até os jovens do internato.

Dá-se assim desde menina
Na garagem, na cantina
Atrás do tanque, no mato
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do internato
E também vai amiúde
Com os velinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir

Quando Chico diz “dá-se assim desde menina”, podemos perceber que Geni, assim como inúmeras outras mulheres, travestis ou pessoas trans, não tiveram muitas oportunidades





de vida ou amparo familiar, característica típica do machismo invisível (CASTAÑEDA, 2006) e estrutural. Assim, é encarada a prostituição, como uma das profissões mais antigas da humanidade, mas também como aquela em que o corpo feminino é cada vez mais objetificado e uma das que mais sofrem com o preconceito, sem contar a exposição à violência.

Na reportagem, “a marginalização da prostituição: a prática social e o preconceito”, realizada na disciplina de laboratório convergente, do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, as autoras Sant’anna, Caroline e Rebelatto (2018) demonstram o quanto essas pessoas sofrem com a marginalização e exclusão e como estão tão expostas à violência, drogadição e doenças.

Em entrevista à reportagem, o professor Rafael Foletto diz que: “Essa é uma profissão bastante complicada, não só em termos de representatividade, mas também de riscos de violência sexual, doméstica, psicológica e todos os tipos de assédios que envolvem a vida dessas garotas” (FOLETTTO, 2021).

A personagem Geni representa a escória da sociedade e é agredida constantemente por aqueles que contratam seus serviços. Geni oferece de si aos outros na expectativa de ser aceita e enxergada enquanto mulher e cidadã.

No entanto, Geni e outras mulheres são alvos de violência física e psicológica e são completamente desumanizadas. Não é à toa que, no ano de 2019, o 13^a Anuário Brasileiro de Segurança Pública, registrou recorde da violência sexual no Brasil. Foram 66 mil vítimas de estupro no ano de 2018, maior índice constatado até o momento.

Percebe-se que, embora existam notórios avanços nos direitos das mulheres nos últimos anos, ainda existem problemas que violam drasticamente os direitos humanos e garantias fundamentais das mulheres e da liberdade corpo feminino. Assim, entendemos que a violência retratada por Geni pode ser uma maneira de conseguir enxergar o outro com mais empatia e humanidade, além de analisar o alcance da norma jurídica à proteção das mulheres.

Nessa parte da música, vemos o quanto a mulher prostituta é alvo de “apedrejamento” pela sociedade.

Joga pedra na Geni!
Joga pedra na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni!



Isso nos leva a questionar se a justificativa para a agressão para com a Geni ocorre pelo modo como ela faz uso do próprio corpo, assim como acontece com várias outras mulheres ao redor do mundo. A punição que recai sob o corpo dessas mulheres contribui para a invisibilização dos direitos femininos, assim como a desumanização diante da ausência de representatividade, conforme conceito de vidas precárias, pensado por Judith Butler.

Quando consideramos as formas comuns de que nos valem para pensar sobre humanização e desumanização, deparamo-nos com a suposição de que aqueles que ganham representação, especialmente autorrepresentação, detêm melhor chance de serem humanizados. Já aqueles que não têm oportunidade de representar a si mesmos correm grande risco de ser tratados como menos que humanos, de serem vistos como menos humanos ou, de fato, nem serem mesmo vistos (BUTLER, 2011, p. 26).

A partir das considerações de Butler, podemos refletir sobre o quanto de humanização há ao se pensar a vida de mulheres, mesmo sabendo que nem todas as mulheres são consideradas da mesma maneira. A precariedade da vida de Geni nos é mostrada durante toda a música, pois mesmo após o seu momento de heroína, com a chegada do Zepelim, ela volta a ser tratada como menos humana.

4 O ZEPELIM PRATEADO

Zepelim nada mais é do que um balão dirigível, em forma de charuto. E assim Chico anuncia a chegada do comandante, por meio de um enorme zepelim, que chamou a atenção de toda a pequena cidade.

Um dia surgiu, brilhante
Entre as nuvens, flutuante
Um enorme zepelim
Pairou sobre os edifícios
Abriu dois mil orifícios
Com dois mil canhões assim



Podemos perceber que o Zepelim chega imponente e armado, abrindo dois mil canhões contra a cidade. Segundo Melo e Ferreira (2016), uma característica das produções do Chico Buarque é trazer em suas letras representações bíblicas, como o ato de apedrejar Geni, que se assemelha à história de Maria Madalena. Neste ponto, surge novamente a intertextualidade bíblica, com relação à representação das cidades de Sodoma e Gomorra, que teriam sido destruídas com fogo caindo do céu.

Embora tenha chegado na cidade com tom ameaçador, o comandante afirma que mudou de ideia. A saída para aquele povo seria uma noite de Geni com o comandante.

A cidade apavorada
Se ficou paralisada
Pronta pra virar geleia
Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante
Dizendo: “Mudei de ideia!”
Quando vi nesta cidade
Tanto horror e iniquidade
Resolvi tudo explodir
Mas posso evitar o drama
Se aquela formosa dama
Esta noite me servir

Essa dama era Geni!
Mas não pode ser Geni!
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni!

Notemos que este refrão cria um efeito de voz popular, da voz do grupo que afirma que Geni é feita pra apanhar e boa de cuspir e, nesse sentido, podemos evocar novamente o conceito de vidas precárias consoante Butler (2011), segundo o qual há vidas precárias e vidas passíveis de luto, sendo as precárias aquelas pelas quais não choramos quando se esvaem, as que podem perecer, se perder, se extinguir como se não tivessem nenhum valor. Nesse sentido, a virada na narrativa proposta na canção, lança um novo olhar para a vida invisível de Geni como discutimos a seguir.

5 DE VILÃ À HEROÍNA



Mas de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro
O guerreiro tão vistoso
Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro

Acontece que a donzela
(E isso era segredo dela)
Também tinha seus caprichos
E ao deitar com homem tão nobre
Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos

Ao ouvir tal heresia
A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão
O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão

Temos aqui uma espécie de “virada” na trajetória da personagem indigna de respeito, apedrejada, cuspidada por aquela sociedade que não só surpreende pela qualidade que agrega à narrativa como também revela os artifícios utilizados pelo compositor em um período de censura às mais diferentes expressões artísticas. Aos olhos pouco acurados do censor, a canção poderia parecer reafirmar o machismo, a reprovação de determinadas atitudes por parte de grupos minoritários e, assim, não representaria um grande “perigo”.

No entanto, temos aí Geni protagonista sendo cumprimentada, inclusive, pelos baluartes daquela sociedade, na canção representados pelo prefeito, o bispo e o banqueiro, isto é, as ligações políticas, a religião castradora e o capital que também funciona como mordaza e cerceamento.

Importante destacar, aqui, o poder que os artefatos culturais possuem de criar e manter determinados direcionamentos, modos de pensar, meios de segregação e de castração. Teresa de Lauretis (1989) os denomina “tecnologias de gênero”, pois possuem o condão de manter os papéis sociais bem delimitados de acordo com dada ideologia, definindo espaços e ações de homens e mulheres e marginalizando aqueles que desafiam a divisão binária de gênero. Ainda segundo a autora, da mesma maneira que o cinema, a música e outros podem manter um sistema opressor também podem, pelo contrário, inaugurar novas formas de pensar e subverter a regra, o que está posto. Nos parece que neste segundo grupo pode ser pensada a canção ora discutida.



Nesta terceira parte, embora Geni fosse um “poço de bondade”, inicialmente ela se recusa a passar a noite com o comandante. Ao saberem disso, as pessoas imploram para que ela satisfaça o desejo do condutor do Zepelim.

Vai com ele, vai, Geni!
Vai com ele, vai, Geni!
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dá pra qualquer um
Bendita Geni!

Geni agora é bendita, pois “o seu próprio corpo e a sua própria sexualidade se transformam em moeda de troca, por meio dos quais ela até consegue inverter as posições sociais” (ARAÚJO, 2018, p. 91). Porém, é revestida de hipocrisia e temporária a valorização de Geni pela sociedade.

Geni em todo momento é silenciada e apedrejada, mas aquela que “dava para qualquer um” e era tratada com menos importância por conta de suas opções e modo de vida, subitamente passa a ser considerada como uma heroína e “dar para qualquer um” não seria mais julgamento, já que os interesses sociais seriam outros.

O único motivo para a mudança do julgamento de valor da cidade em relação à Geni reside no fato de a sua prática de “dar pra qualquer um”, que antes era considerada negativa, passar a ser vista como positiva, o que só ocorre quando a vida da cidade começa a depender dela. Em última instância, tudo isso demonstra como os julgamentos de valor são relativos e mudam de acordo com o interesse social em jogo (ARAÚJO, 2018, p. 95).

Meneses (2001) fala sobre a figura do feminino na canção de Chico Buarque e, segundo a autora, as canções de Chico Buarque, em sua maioria, tem o objetivo de evidenciar indivíduos que estão à margem da sociedade, com destaque para a mulher, fazendo uma crítica social para a negatividade da sociedade.

Suas composições tornam-se, por força dessa escolha, a oportunidade para um exercício de crítica social exercida, no mais das vezes, através das ricas modulações de que se reveste sua ironia (satírica, paródica, alegórica). [...] os despossuídos têm voz e vez: sambistas, malandros, operários, pivetes, mulheres. Mulheres. O seu discurso dá voz àqueles que em geral não têm voz. Assim, encontramos o tema das mulheres vinculado ao tema da marginalidade social. [...] (MENESES, 2001, p. 41)



Encontramos nas críticas sociais de Chico Buarque como a cultura machista permeia as relações sociais e traz elementos para que o corpo feminino seja visto como objeto e colocado à disposição dos interesses patriarcais. Geni se doa a todos e é posta pela sociedade como um objeto, “útil e/ou inútil, dependendo dos interesses sócio (cidade), político (prefeito), religioso (bispo) e econômico (banqueiro)”, conforme pontua De Paula (2010, p. 10).

Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco

A “bendita Geni” se rende à comoção popular e atende as súplicas daqueles que a apedrejam, do prefeito, do bispo e do banqueiro para “servir” ao comandante, mesmo que Geni preferisse “amar com os bichos”. Geni “aceita ser usada e cede aos pedidos de todos, submetida à coerção social que sempre foi” (DE PAULA, 2010, p. 11).

De Paula (2010) nos propõe interessante reflexão acerca do poder transitório de Geni. É bem verdade que a sociedade não aclama a bondade de Geni, mas sim o poder de salvação que fora a ela imputado. Chico Buarque se apropria disso para criticar e ironizar o poder militar do comandante, que representa o Estado, dadas as circunstâncias da época em que fora lançada.

Ao mesmo tempo que parece soberano, com sua aparição sobre a cidade em perspectiva superior (visto de cima para baixo) e caracterizado por seu poder ditatorial (ditar significa comandar pelo dizer, pelo discurso e é isso o que ele faz: ameaça a cidade com seu dizer – e também com seu poder bélico/fálico, o qual voltaremos a mencionar adiante: seus canhões apontados para a cidade), ele é um frágil prisioneiro (“O guerreiro tão vistoso / Tão temido e poderoso / Era dela, prisioneiro”) de Geni (uma travesti-prostituta) (DE PAULA, 2010, p. 10).

Depois de “dominar seu asco” e “entregar-se a tal amante”, Geni volta a ser vista como uma prostituta que merece ser apedrejada, já que a cidade não precisa mais dela.

Observa-se, portanto, um discurso falso moralista da sociedade, que ora apedreja, ora aclama, e quando não mais convém, a condena novamente, de forma ainda mais injusta, como quando o coro diz: “joga bosta na Geni”.



6 A REPRISE

Neste último refrão, Geni é novamente desprezada por aqueles que suplicavam sua ajuda. No entanto, como mencionamos anteriormente, os adjetivos atribuídos à Geni foram somente para atender a certos interesses hegemônicos. Para De Paula (2010, p. 12) “nenhuma bondade redimirá Geni de sua função de objeto não aceitável, excluído, sujo e inútil aos olhos podres e moralistas da cidade”.

Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado

Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado
E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir

Joga pedra na Geni!
Joga bosta na Geni!
Ela é feita pra apanhar!
Ela é boa de cuspir!
Ela dá pra qualquer um!
Maldita Geni!

A arte de Chico Buarque nos faz pensar sobre temas profundos e delicados, levando a refletir sobre a realidade atual de minorias, o avanço e a efetividade de seus direitos em uma sociedade marcada pelo machismo e pelo patriarcado.

De acordo com Porcher Júnior (2006), o Direito e a Arte são apenas modos de enfrentar o mesmo problema, por visões diferentes. E por meio da arte tentamos entender a figura feminina para o direito, já que o operador do direito possui uma visão mais racional e o artista, enxerga com alma e mais clareza.

Segundo pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), uma em cada quatro brasileiras acima de 16 anos sofreu algum tipo de violência ao longo dos últimos



12 meses no país, o que representa um universo de aproximadamente 17 milhões de mulheres vítimas de violência física, psicológica ou sexual no último ano.

Geni vai de vilã à heroína e de heroína à vilã em segundos e, neste sentido, podemos retomar a atemporalidade da letra de Chico, como apontamos no início do texto.

De acordo com Bauman (2007), vivemos tempos líquidos onde os interesses são imediatos e cada vez mais frágeis e passageiros. Não é diferente o que acontece com Geni, que é provisoriamente reconhecida como pessoa.

Há escritores e pesquisadores contemporâneos que hoje contariam a história de Geni de uma maneira diferente, como é o caso de Joseeldo da Silva Júnior e Francisco Vieira da Silva, autores de “Joga pedra e cancela a Geni: a constituição do dispositivo de suplício midiático em linchamentos de mulheres famosas”.

Silva Júnior e Silva (2021) discutem a violência contra a mulher nas redes sociais e fazem uma alusão à cultura do cancelamento[†] na internet. Para os autores:

Quem teve a oportunidade de ler “Vigiar e Punir” de Michel Foucault e tenha se ocupado de assistir ao Urso Branco pode ter rapidamente rememorado as descrições desse filósofo francês dos julgamentos públicos conhecidos por suplício. Apesar de séculos terem ficado para trás, o enredo de Urso Branco parece marcar um renascimento de práticas medievais como as do suplício, desta vez reconfiguradas a partir do uso de aparelhos tecnológicos e acesso massificado às redes sociais digitais.

Por meio de Geni, podemos discutir sobre o uso do corpo, a objetificação da mulher e violência praticada pela sociedade contra corpos marginalizados.

Geni ainda nos faz pensar sobre os julgamentos públicos, conforme apontado pelos autores, sob a ótica de Michel Foucault. Prova disso são 2 casos de comoção nacional e repercussão midiática, de uma menina de 11 anos e uma jovem mulher de 21 anos, que sofreram retaliações na internet por decidirem não exercer a maternidade, a primeira por ser vítima de estupro de vulnerável, e a segunda, por entregar o filho, também fruto de um estupro, à adoção.

Para Moreira (2022), a sociedade, através das mídias sociais “expõem a vida de uma mulher, rasgam-lhe o âmago, jogam-lhe pedras como se a nova Geni ressurgisse 44 anos depois da Opera do Malandro numa ópera macabra da vida privada”.

[†] A cultura do cancelamento é um fenômeno das redes sociais que visa banir pessoas, eventos ou marcas que assumem comportamentos considerados incorretos ou que ferem os valores de um grupo de pessoas.



Assim, com a última estrofe de Geni e o Zepelim, cultuamos Chico Buarque por nos permitir novas leituras de Geni, ampliando a possibilidades de representatividade de brasileiros e brasileiras, num processo contínuo de avanço pela luta aos direitos humanos e à liberdade de expressão em razão da tecnologia de gênero, conceituada por Teresa de Lauretis (1989), que contribui para a manutenção dos papéis sociais com base na ideologia de que homens e mulheres ocupam espaços assimétricos e hierarquicamente delimitados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da música Geni e o Zepelim de Chico Buarque de Holanda revela, para além das aparências, a perpetuação temporal da repressão à figura feminina.

Apesar dos singelos avanços do ordenamento jurídico em prol dos Direitos das Mulheres, é possível perceber o refinamento das estratégias de agressão às minorias que não se encaixam nos padrões heteronormativos da contemporaneidade.

Ainda que a música Geni tenha sido produzida em contexto de ditadura militar, observamos que a objetificação da figura feminina e a condenação das minorias pela sociedade persiste na história. Contudo, a agressão sofrida por Geni que se pautava em insultos e violência, como por exemplo, a expressão trazida pelo autor “joga bosta na Geni!”, pode ser percebida na atualidade pela prática do “cancelamento” nas redes sociais e ainda a perseguição digital dessas figuras femininas.

A agressão ao feminino e todas as práticas que fogem do padrão heteronormativo é verificada pelo movimento de extrema direita que recorre à instituição familiar regimentada pela figura masculina.

A Geni só é tratada bem pela sociedade que a julgou quando sacrificada. A referência bíblica da personagem à Maria Madalena demonstra o desejo público de dois extremos: ou a punição de Geni, pela sociedade, ou o sacrifício, a desejo da própria Geni, para uma redenção momentânea.

A “bendita Geni” só consegue a redenção após escolher o sacrifício de entregar o próprio corpo, sem qualquer vontade, ao Comandante Militar, a fim de que ele deixasse a cidade em paz. A objetificação do corpo é percebida ao longo de todas as estrofes, no entanto, na parte de “vilã” à “heroína” é possível perceber que o corpo feminino é sempre colocado como uma vitrine à disposição dos interesses patriarcais, religiosos e moralistas.



Com base nisso, por meio de Geni, percebemos como o corpo feminino permanece sendo apedrejado e cancelado em diferentes momentos da história, dando margem para que as pessoas critiquem e julguem minorias, especialmente, a figura feminina, ainda que a mulher ou o sujeito que se identifique com a figura feminina esteja dentro de seus direitos e amparado pela legislação, como é o caso apontado neste artigo envolvendo comoções sociais a respeito do uso do corpo e da manifestação da vontade.

Por fim, concluímos que a arte é um meio de enxergar com outros olhos a disparidade de gênero e a luta pela a equidade de direitos e garantias fundamentais entre gêneros.

Este artigo tem o condão de contribuir com a construção do campo de pesquisa entre Direito e Música dentro da seara de trabalhos que envolvem Direito e Arte, de uma forma geral. A música nos aproxima e envolve gerações, principalmente a música popular brasileira, e as obras de Chico Buarque, que nos fazem entender que o Direito e Arte devem sempre caminhar juntos para que possam enfrentar os problemas sociais e tornar o Operador do Direito mais próximo de uma minoria invisibilizada pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Murillo Clementino de. O tempo, o valor e a prostituta: reflexões sobre “Geni e o Zepelim” de Chico Buarque. **Estudos Semióticos**. vol. 14, nº 2, 2018, p. 87–98. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: out. 2022.

AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. Trad. Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

BARRETO, Renata Caldas; BORGES, Arleth Santos. Ditadura, controle e repressão: revisitando teses sobre os governos militares do Brasil. In: **Revice - Revista de Ciências do Estado**, v1, n.2, 2016, p. 107-129.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BUENO, Samira; MARTINS, Juliana; PIMENTEL, Amanda; LAGRECA, Amanda;
BARROS, Betina; LIMA de, Renato Sérgio. Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres





no Brasil - 3ª edição – 2021. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: out. 2022.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n., p. 13-33, 2011.

COSTAS, Ana Kerlly Souza. **Hipersexualização frente ao empoderamento: a objetificação do corpo feminino evidenciada**. Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/338.pdf>. Acesso em: out. 2022.

DE PAULA, Luciane. A Ironia de “Geni e o Zepelim”: Sujeitos, Poderes e Mundos no Tempo da Suspensão. **Cadernos do Tempo Presente**. Edição n. 01, 2010, p. 1-13.

DE LAURETIS, Teresa. **Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction** **Bloomington**: Indiana University Press, 1989.

FREITAS, V. P. Direito e música é tema rico e pouco explorado. **CONJUR**. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2011-jan-02/segunda-leituradireito-musica-tema-rico-explorado>. Acesso em: out. 2022.

LOUZADA, ANA. Direito e arte – a mulher na obra de Chico Buarque. **Anais do X Congresso Brasileiro de Direito de Família - FAMÍLIAS NOSSAS DE CADA DIA**. 2015. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/assets/upload/anais/258.pdf>. Acesso em: out. 2022.

MAIA, A. V.; STANKIEWICZ, M. R. **A música popular brasileira e a ditadura militar: vozes de coragem como manifestações de enfrentamento aos instrumentos de repressão**.



Repositório de Outras Coleções Abertas (ROCA). Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2015. Disponível em:

http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/5837/1/PB_EL_I_2015_01.pdf. Acesso em: out. 2022.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Figuras do feminino na canção de Chico Buarque**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2001.

MELO, Bruno Santos; FERREIRA, Jailma da Costa. Prostituição: necessidade, prazer ou meio de inserção social? A figura da prostituta na canção Geni e o Zepelim, de Chico Buarque. **II Congresso Internacional de Educação Inclusiva**, 2016. Disponível em: http://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA9_ID411_12102016192716.pdf. Acesso em: out. 2022.

MOREIRA, Silvada do Monte. Somos todas Genis. **Instituto Brasileiro do Direito de Família – IBDFAM**, 2022. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/artigos/1837/Somos+todas+Genis>. Acesso em: out. 2022.

PORCHER JÚNIOR, Roberto Ernani. **Direito e arte: Intersubjetividade e emancipação pela linguagem**. Disponível em: http://www3.pucrs.br/pucrs/files/uni/poa/direito/graduacao/tcc/tcc2/trabalhos2006_2/roberto_ernani.pdf. Acesso em: out. 2022.

SANT'ANNA, I; CAROLINE, T. REBELATTO, J. **A marginalização da prostituição: a prática social e o preconceito**. Reportagem realizada na disciplina de laboratório convergente, do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, Campus Frederico Westphalen, 2018. Disponível em: <https://decom.ufsm.br/prostituicao-alto-uruguai/2018/12/04/a-marginalizacao-da-prostituicao-a-pratica-social-e-o-preconceito/>. Acesso em: out. 2022.





SILVA JÚNIOR, J. DA; SILVA, F. V. DA. Joga pedra e cancela a Geni: a constituição do dispositivo de suplício midiático em linchamentos de mulheres famosas. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, p. 1-18, 29 set. 2021.

SOBREIRA, José Alfredo Silva Melo. **A oposição à ditadura militar em canções da MPB: uma análise da interação entre letra e música.** Programa de Pós Graduação em Letras da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados Dourados: UFGD, 2016. Disponível em:
<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1406/1/JoseAlfredoSilvaMeloSobreira.pdf>. Acesso em: out. 2022.